

## ENTRE POEMAS DE ANA LUÍSA AMARAL

Ida Alves  
(UFF / CNPq)

Que mais nos resta senão ao mesmo tempo  
criar, ler e transferir!

Ana Luísa Amaral. *Entre dois rios e outras noites*.  
Porto: Campos das Letras, 2007.

No panorama tão diversificado da poesia portuguesa do século XX, firmaram-se vozes poéticas femininas das mais instigantes. Especialmente a partir dos anos sessenta, pode-se dizer que houve o fortalecimento da presença de mulheres no delineamento dessa produção poética. Nomes como os de Fiama Hasse Pais Brandão, Luísa Neto Jorge, Maria Teresa Horta, Ana Hatherly, Fátima Maldonado, Rosa Alice Branco e Adília Lopes são hoje incontornáveis para a compreensão dos diversos trajetos da lírica portuguesa moderno-contemporânea. É nesse contexto que Ana Luísa Amaral, lisboeta, mas radicada desde os nove anos no Norte de Portugal (Leça da Palmeira), professora no Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto, começou a publicar sua obra que, atualmente, reúne dez títulos de poesia, uma *Poesia reunida* e dois livros infantis, com forte reconhecimento de público e de crítica (em 2007, pelo livro *A Gênese do Amor*, recebeu o Prémio Literário Casino da Póvoa / Correntes d'Escritas e, em junho de 2008, por *Entre dois rios e outras noites*, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores - APE). Além da excelente recepção em Portugal, seus livros estão traduzidos em diversas línguas e, na Itália, recebeu o Prémio de Poesia Giuseppe Acerbi.

Com o primeiro livro editado em 1990, *Minha senhora de quê*, a poeta assinou seu nome na poesia portuguesa e desde então vem desenvolvendo seu trabalho de escrita sobre o avesso da tradição literária, interrogando os bastidores da cena poética e ultrapassando os limi-

tes de uma poesia *feminina*. Sobre sua escrita, em 1998, outro poeta e também crítico, Nuno Júdice, registrou:

[...] a sistemática e obsessiva utilização do ritmo, da métrica, da rima, com uma atenção profunda à musicalidade da linguagem, criam um efeito de envolvimento e fascínio que só se encontra numa linha aparentemente esgotada da poesia portuguesa – a que vai de António Nobre a Florbela Espanca. No entanto, Ana Luísa Amaral pratica este jogo com um sábio domínio dos recursos poéticos. Não são muitos, com efeito, os poetas que aliam o pleno uso das potencialidades expressivas do português a uma total inteligência do mundo, quer no plano do realismo descritivo quer na fluência com que recorre a uma tradição que decorre fundamentalmente da poesia anglo-americana daqui resultando, por vezes, um curioso efeito de estranheza [...]<sup>2</sup>

Poesia escrita por mulher, não é porém por essa marca que sua obra nos interessa. Não se reduzindo à “poesia feminina”, questão ainda problemática que não discutiremos aqui, embora seja assunto também abordado pela análise crítica da poeta-professora Ana Luísa Amaral, que co-organizou com Ana Gabriela Macedo, da Universidade do Minho, o *Dicionário de Crítica Feminista*, publicado em 2005 pela Editora Afrontamento (Lisboa), sua escrita se faz assumidamente sob / sobre a perspectiva de mulher e sua (im) potência, com firme atenção também à metapoética e à reflexão sobre a subjetividade lírica, questionando a trama da cultura estética portuguesa e ocidental, em busca de um discurso não de diferença simplificadora (feminino / masculino), mas de igualdade tensionada: sujeitos / poetas frente ao mundo, à escrita e à cultura partilhada.

Após a bem acolhida edição do primeiro livro e o contínuo interesse provocado pelos livros seguintes como *Coisas de partir* (1993), *Epopeias* (1994), *E muitos os caminhos* (1995), *Às vezes o paraíso* (1998), *Imagens* (2002), *Imagias* (2002), *A arte de ser tigre* (2003), *A Gênese do amor* (2005), a poeta publicou em 2005 sua *Poesia reunida 1990 - 2005*, marcando quinze anos de uma escrita forte e inteligente que o leitor brasileiro de poesia não deve desconhecer.

Em 2007, Ana Luísa Amaral publicou o agora premiado *Entre dois rios e outras noites* e é sobre esse livro que nos detemos. É sem dúvida uma obra que recolhe amorosamente os percursos de sua escrita e oferece ao leitor trilhas de descoberta dessa poesia que alia simplicidade e densidade, alegria e dor, vivências simples do cotidiano com

fortes experiências estéticas, expondo aquela “sabedoria da linguagem” que, no dizer de outro poeta português, Ruy Belo, todo bom poeta deve exercitar <sup>3</sup>.

A estrutura de *Entre dois rios e outras noites* é recorrente nos livros de Ana Luísa Amaral: a existência de núcleos temáticos, cada um abrangendo um conjunto de poemas. No presente livro, temos sete núcleos: “se tudo fosse só êxtase súbito (7 andamentos)”; “os perigos do êxtase”, com 10 poemas; “apontamentos desiguais”, com 8 poemas; “deste lado do tempo”, com 10 poemas; “entre dois rios e muitas noites” e “teares da memória”, 9 poemas cada e “de sonhos e além: o guardador”, finalizando com 3 poemas. Esses núcleos dialogam entre si e, de certa maneira, refletem uma vontade constante de compreensão do próprio exercício da escrita e da subjetividade. Aliás, a escrita de Ana Luísa Amaral dosa muito bem a expansão emotiva (afetiva e amorosa) do sujeito lírico com o controle do verso, sua economia sintática e, principalmente, com um olhar crítico que avalia, analisa, discute os próprios efeitos poéticos a partir de analogias domésticas, como se lê no poema “Decisões versificadas”, do qual retiramos três estrofes:

E agora, em vez de me concentrar  
na humidade do que é livro triste,  
ou feminino mal,  
farei secar as suas folhas todas  
em programa a secagem barata  
e manual

Talvez lhe junte até leve perfume  
para o tornar ainda  
menos vulnerável,  
talvez algumas gotas de limão:

[...]  
Assim, com verso enxuto e a rimar  
(que só soneto deve ser molhado,  
como já disse, há uns anos e tal),  
deixarei o leitor feliz e sossegado,  
a pensar o que lê tanto podia ser  
anúncio de pudim bem caramelizado  
como curta notícia de jornal.

Com seu quê de provocativo, acompanham-se nesse livro trajetos que atraem facilmente a atenção do leitor: - a relação extremamente amorosa com o outro e com a própria escrita. Bom exemplo é o poema “Ligeiríssimo apontamento grafológico”: “Até aquela letra me seduz: / a música menor / que lhe sustenta os pontos / quebrados pela tinta, / pela luz: // [...] // Não me penses grafóloga solene / a analisá-lo o corpo: / falha-me a precisão do cientista, / o seu sábio rigor / desaprendendo a vida // Interesse de amator / é só o meu, / e um pudor (inocente) / de me sentar defronte à coisa amada, / ao meu olhar: // despida -” (p.24); - a reflexão constante sobre a linguagem poética e suas metamorfoses, pois “ [...] // Em linhas ou palavras a linguagem / que temos é sempre outra. É também / outra // Sonhar uma diferente, / a mesma que abrangesse outros sentidos / e semelhantes corpos // Entender-se por fim a utopia / que alimenta esta ilha / de perfeitos demais” (p.39) ; - a construção de paisagens desdobradas, ou seja, olhares que levam a outros olhares, tempos que retomam outros tempos, como no poema que dá título ao livro: “Era de noite. A chuva sem doçura. A estrada / tão diferente das estradas / a sul deste outro rio. / A saudade parada durante muito tempo, / nas noites sem doçura, como a chuva. / Era de noite e eu não sabia nada // *Entre as duas paisagens, entre os dois rios / mais físicos que tudo, partiram, as gaiotas, eu / perdi-me. Sem pertencer jamais a uma paisagem / própria. Mas o olhar que fala, fala de um ponto outro. / E sabe perspectivas de tempos / menos planos, tem sempre cores diversas, / muitos fios, basta Odisseu para as / desconjuntar [...]*” (p. 87); a atenção à memória e a grafia dos tempos e também o diálogo com tradições poéticas, mitologias, questionando o lugar da poesia ou sua prática na contemporaneidade.

Esse questionamento, aliás, reflete-se neste livro muito profundamente. A poética de Ana Luísa Amaral é ciente de seu tempo, tempo do imperfeito, da cisão, de desconjunções, termo que utiliza em alguns poemas. Ainda que seja de simulacros, de perdas, de impossibilidades que seus poemas falem, a escrita do *negativo* jamais é agressiva ou intensamente melancólica, como em alguns dos poetas à sua volta. Pelo contrário, sua linguagem é afetiva e lúdica, quase parece-nos “pisar um olho”, aceitando com lucidez o menos de nossa existência, o vazio das experiências cotidianas em prol da descoberta desses pequenos detalhes diários que acabam por valorizar a vida e a realidade cotidiana. Há um equilíbrio muito forte nessa poética entre o desejo de nomear o

essencial e a consciência de que o essencial é uma abstração. Sua poesia é assim de uma ironia sutil, assumindo o espaço da escrita poética como entre-lugar, permanente mobilidade e variação. Com essa perspectiva, dois poemas especialmente nos seduzem: “Visitação” (p.38-39) e “Em simulacro: os anjos” (p.97). Em ambos, os anjos, essas figuras do sublime, deparam-se com a perda de sua aura e com o não sentido de sua existência sobre-humana. Os anjos que ressurgem nesses poemas perdem sua candura para se compreenderem como seres impossíveis agora, transformando-se em humanos. “[...] E aqui ficado, o anjo adormeceu, / sonhando com estações e com instantes, / aos poucos esquecendo tempos dantes / e a água densa do eterno mar. // E quando se rasgou o tempo outro / e ele acordou, refeito e bocejante, / viu que era bom ter nome, e sede, e fome, / cinco dedos nas mãos – algum olhar.” ou “Mas não são eles / que desejo aqui, / não me cantam os anjos alheios, / nem os anjos de *Klee*, / só o resto talvez encantaré // Nesse resto te quis, / despojo de anjo, asas cortadas, / rasgado em branco, o branco / transformado em roxo cor de morte, / como o amor e a morte / aí vacilam // Noutra língua recuso-me a falar, / nesta tela recuso-me a pintar, / nestas cores - / nunca esboçando um anjo / pintado a inocência // Na iminência de te ter amado, / sonho-te: asas cortadas, / tudo o mais rasgado / nas dobras do mais alto do poema, / nas dobras da pintura / fotografia a preto e branco [...].”

Também nesse livro há algo que agradará aos leitores brasileiros e que é cada vez mais raro na produção poética portuguesa recente: referências brasileiras e o contato lingüístico. O poema “Com Vinícius” cruza paisagens e transporta subjetividades, tocando também a língua do outro com encantamento, com afeto, no uso de expressões brasileiras: “[...] De repente / era o sol transportado. / E eu aqui forrada a mil compassos. / Mãos libertas do perigo de páginas por ler, / transcrito o pensamento. / De repente. / No contraste entre sombras de prisão / e o sol trazido assim. // Deve ser bom / passar a tarde em Itapoã” (p.28) ou, em “Rimas, manhã, e sem estereofonia”, ler: “É que não se me dava, let alone / ter que estender a minha mão e com / ela pegar em ti ao telefone / e ouvir “gosto de ti”, era bem bom [...].” (p. 25).

Na poesia mais recente portuguesa, *Entre dois rios e outras noites* é, com certeza, um livro-ponte entre uma forte tradição cultural e lírica (em especial, camoniana e pessoana) e uma irônica e lúdica reação a essa mesma tradição. Poeta-leitora, poeta atenta ao mundo,

sua escrita se torna sabiamente espaço de deslocamentos, de passagens, de hibridismos, levando-nos a conhecer uma poética de grande habilidade comunicativa, sem que isso signifique abrir mão da beleza e da emoção.

[...] Neste momento, está atrasado o comboio  
(um inter-regional que pára nas estações todas),  
mas há sol, e assim fico a conhecer  
os apeadeiros portugueses, e talvez me sirvam  
de poema mais tarde, e tenho o privilégio  
de me comover com os seus tons  
floridos

Agora a linha é mais simples e estreita,  
correndo, paralela, à Estrada Nacional,  
uma linha de frase básica,  
só com os elementos principais.  
Mas, às vezes, a ovelha que a atravessa, secante,  
dá-lhe uma certa vírgula romântica

É num tom desses que eu me sei mover:  
no intermédio cruzamento  
dos portões do real,  
nas despensas do mundo

Essas em que guardo o resto dos temperos,  
um ou outro feitiço  
no Livro de Receitas -

## NOTAS

<sup>1</sup> Versos do poema “Era uma casa branca (variações) em Amaral, Ana Luísa. *Minha senhora de quê*. Lisboa: Quetzal, 1998. p.19. [AMARAL, Ana Luísa. “Era uma casa branca (variações). *Minha senhora de quê*. Lisboa: Quetzal, 1998. p.19]

<sup>2</sup> JÚDICE, Nuno. *As máscaras do poema*. Lisboa: Aríon, 1998. p. 240.

<sup>3</sup> “Para mim, mais uma vez o digo, a poesia é a forma por excelência da sabe-

doria da linguagem, é uma aventura de linguagem.” BELO, Ruy. Um poeta explica-se. In: *Obra poética de Ruy Belo*. Organização e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1984. p.248.

<sup>4</sup> Poema “Ovelhas e Bibliotecas: Sofrimentos”, p.100 de *Entre dois rios e outras noites*, 2007.